O SÃO JOÃO DOS CRONISTAS, MEMORIALISTAS E JORNALISTAS: FESTA JUNINA E IMPRENSA EM BELÉM NOS ANOS DE 1950

Elielton Benedito Castro Gomes[*]
elieltonbcgomes@bol.com.br
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Desde pelo menos a segunda metade do século XX, os festejos juninos ganharam destaque nas páginas de jornais, revistas e livros que circulavam na cidade de Belém. Jornalistas, políticos e literatos debruçavam-se sobre a escrita de crônicas e romances que buscavam valorizar aspectos considerados tradicionais dessas festas, expondo um forte saudosismo em relação a um suposto festejar São João de "antigamente". A pesquisa ora apresentada pretende discutir as festas juninas de Belém do Pará no período em questão, tendo como auxílio fontes retiradas dos jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *Revista Amazônia*, publicados na década de 1950, assim como em romances memorialísticos que falam sobre a época.

Palavras-chave: Crônicas. Espaço urbano. Festa junina. Imprensa. Memorialistas.

ABSTRACT

Since at least the second half of the twentieth century, the June Festivities have gained prominence in the pages of news papers, magazines and books circulating in the city of Belém. Journalists, politicians and writers put a lot of effort into writing novels and chronicles that sought to value the aspects considered traditional in this festival, exposing a strong nostalgia in relation to the alleged "old-fashioned" São João celebration. Therefore, the present work aimed to make a discussion about June Festivities in the city of Belém do Pará during this period through the discourse of literates, columnists and editors, using as sources the news papers *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, the magazine *Revista Amazônia*, and also memorialistic novels published in the 1950s.

Keywords: Chronicles. Urban space. June festivities. Press. Memoirists.

[*] Mestrando em História Social da Amazônia, na Linha de Pesquisa "Trabalho, Cultura e Etnicidade", pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará – UFPA, bolsista CAPES, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa. Integrante do Grupo de Pesquisa "História, Cultura e Meios de Comunicação".

> *Na festa, historicamente, afloram as necessidades humanas de não viver apenas em função das tarefas utilitárias do cotidiano. É um espaço/tempo para celebrar a vida, a espontaneidade e a alegria. Por isso, há o sentido especial das celebrações festivas nas relações sociais de todas as épocas da civilização em que o homem se mostra e se reconhece na sua condição de ser comunicativo e social (Zulmira Nóbrega. A Festa do Maior São João do Mundo).*

Falar de festas juninas em Belém, Pará, durante a década de 1950 é trazer à tona um conjunto de práticas culturais hibridizadas, que contêm em sua forma elementos dos meios urbano e rural. É também falar de eventos que aproximam os indivíduos da cidade, conferindo às relações de sociabilidade um estado de efervescência e, que muitas vezes, ultrapassa a vida social estabelecida. É, em outras palavras, "a descoberta dos sujeitos participantes da possibilidade de 'liberarem-se de si mesmos' e de enfrentarem o mundo das regras de conduta e procedimento com a instauração de um tempo 'sem leis, nem forma'" (COSTA, 2009, p. 71).

Os festejos juninos vividos em Belém do Pará no início da segunda metade do século XX eram apresentados pela imprensa paraense como os mais bem sucedidos, principalmente aqueles realizados em ambientes localizados no subúrbio da cidade, pois, segundo os jornalistas e cronistas, eram nesses locais que a alegria dos brincantes era sincera e mais feliz (COSTA & GOMES, 2011).

Esses festejos ganhavam as páginas dos jornais e das revistas da cidade nos últimos dias do mês de maio, quando se verificava espaço para as propagandas de vendas de tecidos característicos de trajes juninos, de bebidas, de discos com músicas "próprias" para a época e de fogos de artifício, o que era intensificado durante todo o mês de junho. As festas juninas, diferente de eventos de outros períodos festivos, eram realizadas em diversos ambientes de sociabilidade, que iam desde praças públicas a instituições educacionais espalhadas ao longo da cidade de Belém.

Busco, no presente estudo, realizar uma discussão acerca dos festejos juninos em Belém do Pará, tomando como base a década de 1950, tendo como suporte notícias jornalísticas que versam sobre o tema proposto, crônicas, anúncios de festas e registros memorialísticos coletados em livros de memória que tratam da cidade de Belém na segunda metade do século XX. Para isso, serão utilizados os jornais *O Liberal*, *A Província do Pará* e o *Folha do Norte*, além da *Revista Amazônia*, todos dos publicados nos anos de 1950.

Esses documentos serão tomados neste estudo como construção discursiva, já que os cronistas, além de serem críticos, eram também participantes ativos das festas juninas na cidade, contribuindo para o processo de desenvolvimento e consolidação da festa. Além disso, tais documentos podem também, como nos aponta Chartier (1991), ser vistos como estratégias e práticas com tendências a legitimar escolhas, já que "suas narrativas são interessantes e produtivas analiticamente não tanto pela descrição de uma dada realidade, e sim pela construção dialógica num jogo que incluía continuamente interesses, embates e negociações" (GONÇALVES, 2009, p. 78).

Nesse sentido, ficção e realidade misturavam-se nas descrições presentes nas fontes consultadas sobre as festas juninas, que permitiam aos leitores encontrar, ao longo dos textos, "os interesses de quem o produz e para quem se produz" (DIAS, 2011, p. 2), buscando, com isso, analisá-la não "como um retrato fiel da realidade [e sim] como um documento de complexidade, resultado de interesses e escolhas por parte do idealizador e da influência do contexto político, econômico e social no qual está inserido" (DIAS, 2011, p. 2).

FESTA JUNINA, LAZER E SOCIABILIDADE EM BELÉM NOS ANOS DE 1950

Durante os anos de 1950, os locais de sociabilidade e de lazer ampliaram-se significativamente em Belém. Clubes recreativos e desportivos juntaram-se aos que já existiam desde pelo menos a segunda década do século XX, expandindo expressivamente a opção de divertimento e recreação da vida cotidiana da população local.

A imprensa paraense desse período nos apresenta, por meio dos anúncios de festas, a diversidade de clubes recreativos e desportivos[1] localizados no meio urbano belenense, distribuindo-se entre o subúrbio e a área nobre da cidade. Os localizados nas proximidades do rio e os de pontos afastados do centro de Belém eram apresentados pela imprensa como "clubes de subúrbio", já os encontrados no centro da cidade ou em bairros considerados nobres recebiam a denominação de "clubes sociais", "clubes aristocráticos" ou "clubes nobres".

Vale pontuar aqui algumas questões que giram em torno dos clubes recreativos, os quais, segundo Peter Burke, compõem os ambientes sociais desde pelo menos o final do século XVIII. De acordo com Burke, até mesmo nos dias atuais, a palavra "club" produz uma

[1]Denominação dada aos clubes que se dedicavam às aptidões físicas, visando competições entre os praticantes, proporcionando também entretenimento a eles.

ideia de ambiente aristocrático, ligado às exclusividades e posses. Não devemos, no entanto, cair no equívoco de considerar que tais espaços tinham apenas esse caráter nobre e excludente, pois trouxeram "uma importante contribuição para a democracia, assim como para o iluminismo e a modernização". Logo, esses ambientes "têm ao mesmo tempo um aspecto democrático e aristocrático", onde transitavam pessoas com um nível social mais ou menos abastado, pois eram estabelecimentos que tinham "o direito de rejeitar, assim como de admitir, novos sócios" (BURKE, 2002).

Segundo Uassyr de Siqueira (2002, p. 75), citando o historiador Nicolau Sevcenko (1992), no finalzinho do século XIX e principalmente nos primeiros anos do século XX, com o processo de metropolização de algumas cidades do país, novos valores e estilos culturais emergiram, sendo a intensificação de clubes sociais e recreativos nas cidades um deles, possibilitando que os indivíduos gastassem seu tempo livre com atividades ligadas ao lazer, principalmente com a prática da dança.

Diante do processo de modernização e urbanização de algumas regiões do Brasil, os clubes sociais e recreativos, principalmente aqueles localizados nos subúrbios, traziam "uma maneira de integrar os recém-chegados à cidade e fazê-los sentir-se mais em casa". Segundo Peter Burke (2002), "a existência desses clubes, em muitos dos quais membros de diferentes classes sociais se encontravam regularmente face a face, ajudou a criar uma cultura mais democrática do que até então existente".

Entre os diversos clubes existentes no meio urbano belenense os que mais se destacavam nos anúncios das festas juninas na década de 1950 estão informados na tabela a seguir.

Clubes recreativos	**Bairros**
São Domingos Esporte Clube	Jurunas
Imperial Esporte Clube	Jurunas
Esporte Clube Norte Brasileiro	Cremação
Leblon Esporte Clube	São Braz
Assembleia Paraense	Campina

Delta Clube	Nazaré
Automóvel Clube	Campina
Azas Esporte Clube	Nazaré
Palace Teatro	Campina
Cedro Esporte Clube	Campina
Tropical Clube	Campina
Parque Atlético Clube	Marco
Clube do Remo	Nazaré
Amazônia Clube	Campina
Paissandu Esporte Clube	Nazaré

Como demonstrado anteriormente, os clubes apresentados na tabela acima, assim como outros que também ganhavam as páginas dos jornais da cidade, estavam situados nos mais diversos espaços de Belém: do subúrbio ao centro da capital paraense. Os bairros do Jurunas, Guamá, Condor e Cremação, como apontado por Carmem Izabel, surgiram às proximidades do rio Guamá, onde as primeiras ruas, desde pelo menos meados do século XIX, nascem de aberturas de caminhos que permitiam o trânsito entre as áreas mais centrais da cidade com os portos localizados às margens do rio. Esses locais eram utilizados na entrada dos migrantes interioranos, no século XX, que muitas vezes se alojavam em áreas "de poucas melhorias, de um fornecimento de água sofrível, de parca iluminação, alagadas e insalubres" (RODRIGUES, 2008, p. 98).

Os bairros centrais da cidade, como Nazaré, Campina e Reduto, ofereciam aos moradores e visitantes suposta melhor condição de vida, em razão dos processos de embelezamento, urbanização e "civilização", oferecidos pelo auge da economia gomífera, desde a segunda metade do século XIX, e também pela *Bela Época*[2]. Segundo Lacerda & Sarges (2009, p. 166), "o espaço público que se confunde com o espaço social se transforma

[2]Também conhecida como *Belle Époque*, foi, segundo Maria de Nazaré Sarges (1998), um período no qual a capital paraense tornou-se um verdadeiro "canteiro de obras", buscando atrelar a cidade aos modelos estéticos dos países europeus, o que "em parte se tornava possível graças ao aquecimento da economia produzido pela exportação do látex". Durante um período significativo, a cidade de Belém ficou também conhecida como a "Paris na América" ou "Francesinha do Norte", refletindo uma imagem civilizatória e de progresso.

na paisagem que deve ser rigorosamente policiada pelos fiscais detentores de poder de força para a implementação da modernidade civilizatória".

Além dos clubes recreativos e desportivos, outros ambientes de lazer e sociabilidade existiam na cidade. As residências, ruas, bosques, praças e escolas, durante os festejos juninos, eram também espaços de entretimento e fuga do cotidiano. Sobre isso, matérias publicadas no jornal *O Liberal* em junho de 1954 no dizem que:

> À noite, teremos os aluás, munguzás, rapazes, moças e velhos passando de compadre, comadre, noivas, primos, etc., enquanto nos parques veremos os bumbas e pássaros na sua exibição folclórica[3] (grifo meu).
>
> As praças da 1ª Zona Aérea realizarão hoje, no hangar_amarelo da Base, em Val_de_Cães, uma big "festa na roça", que promete muita animação e que começará às 21 horas de hoje e irá até o sol raiar[4] (grifo meu).
>
> Para encerrar a quadra de festejos juninos, a turma de Nazaré resolveu efetuar hoje, na residência da Sra. Núbia Toscano, à rua Domingos Marreiros, esquina da Wandenkolk, uma festa típica, para a qual os preparativos correram a capricho[5] (grifo meu).

Em três momentos distintos e em âmbitos diferentes, as festas juninas descritas anteriormente apresentam-nos uma diversidade de elementos significativos que compõem esse momento festivo. Percebe-se que as festas realizadas em parques, praças e bosques buscavam comemorar um São João o qual, como nos diz Luciana Chianca (1999, p. 60), idealiza a vida do homem do campo, já que "é durante ela que essas representações são vividas e encenadas pela totalidade da cidade".

Em consonância com as fontes apresentadas anteriormente, Chianca (2009, p. 23) nos diz ainda que a festa junina – além de ser vista como um momento de grande efervescência da cidade, no qual os brincantes, mesmo que inconscientemente, idealizam o passado do homem interiorano, visto como "dotado de traços positivos como a ingenuidade e o bom coração (...), considerado "mais puro" que o da capital" – é vista também como uma festa familiar, não no sentido dado às comemorações natalinas, restritas a parentes, mas sim uma festa que, de uma forma ou de outra, se estende aos amigos e vizinhos (CHIANCA, 1999, p. 61).

A notícia que ocupou a metade da 8ª página do jornal *O Liberal*, publicada em 24 de junho 1958, intitulada "Petizadas dos grupos volta a festejar noite de São João", apresenta-nos

[3] Fogueira de São João.. **O Liberal,** 22 jun. 1954.
[4] Uma Festa na Roça. **O Liberal**, 26 jun. 1954.
[5] Festejos Juninos. **O Liberal**, 30 jun. 1954.

o retorno da “velha tradição”, que reside em comemorarem-se os festejos juninos nos grupos escolares da capital paraense, comemoração essa que, segundo a imprensa, “fôra abandonada pelo governo anterior”. Nessa noite, os grupos escolares Vilhena Alves, Floriano Peixoto, Barão do Rio Branco, Pinto Marques e Dr. Freitas transformaram-se em grandes arraiais juninos. O então governador da época, Magalhães Barata, visitou os estabelecimentos de ensino durante as comemorações a São João.

> Alunos e alunas, professoras, famílias dos alunos, convidados e até mesmo o governador do Estado, general Magalhães Barata viveram à noite de ontem instantes de ternas emoções nas festas juninas realizadas em cinco grupos da capital do Estado, sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura. A querida e antiga tradição das festas juninas nos estabelecimentos escolares, inexplicavelmente suprimida na administração passada, foi agora reavivada graças a uma recomendação do governador do Estado à Secretaria de Educação. E os espetáculos da noite de ontem quando os grupos se apresentaram festivamente engalanados e a criançada a brincar inocentemente, diversões sadias e puras foram uma demonstração de que o ato do governador, determinado à volta das comemorações, veio corresponder em cheio aos desejos da família paraense[6].

Diante do que ora é apresentado, percebe-se que as festas juninas ganharam um caráter “oficial”, vinculado ao discurso político vigente, tendo em vista a garantia de lucro ante sua produção. Assumia-se um discurso de preservação da cultura regional e da importância dela para a população local, havendo um forte entrelaçamento da política com as questões culturais. Além disso, as “antigas tradições” transformaram-se e foram substituídas por novos padrões socioculturais, muitas vezes funcionando como alavancas para uma intensa relação de interesse político.

As festas realizadas nesses ambientes de sociabilidade e lazer contavam com a animação de grupos de “pau e corda”[7], “Jazzes Orquestras”[8], Bois Bumbás[9], Cordões de

[6]Revivem escolares nos grupos ternas tradições de S. João. **O Liberal**, 25 jun. 1958.
[7]Segundo Antonio Maurício Dias da Costa (2012), tratavam-se de grupos que tocavam instrumentos de sopro, como pistão, saxofone e trombone. Percebe-se, por meio da análise das fontes, que esses grupos, na maioria das vezes, animavam as festas organizadas nos clubes suburbanos da cidade.
[8] Grupos musicais que tocavam ritmos diversos nos salões de clubes “aristocráticos” e de subúrbio na capital paraense. Conforme Costa (2012, p. 386): “Nesse contexto, correspondia mais a uma composição de músicos não eruditos que também executavam ritmos brasileiros e de outros países, do que a uma especialização musical no gênero de origem norte-americana”. Os grupos “jazzísticos” ou “conjuntos de boates”, como também eram conhecidos, tocavam os seguintes instrumentos musicais: contrabaixo, trompete, saxofone, banjo, bateria e pandeiro.
[9]“É uma comédia satírica que se manifesta em várias partes do país, tanto no meio rural como urbano. Sua prática folclórica é revestida de representações peculiares na expressão e no enredo, que se moldam à realidade de cada região onde acontece. Em alguns estados ela está relacionada ao ciclo natalino, de novembro ao dia de reis, em 6 de janeiro; na região norte e parte do nordeste vincula-se às festas juninas dedicadas aos santos do mês. Essa variação do calendário festivo também é marcada por uma mudança de nomenclatura: são várias as denominações espalhadas pelo Brasil, sendo as mais comuns as de ‘bumba meu boi’ e ‘boi bumbá’. Nas cidades

Pássaros[10] e as famosas *Pick-up's* [11], que tocavam variados ritmos musicais [12], animando as noites dos brincantes. Entre esses ritmos, os que se destacavam nos anúncios das festas juninas presentes na imprensa paraense durante a década de 1950 foram: Grupo de Jazz Orquestra Batutas do Ritmo, que tinha no seu comando a pessoa de Sarito; Grupo de Jazz Orquestra Martelo de Ouro, liderado por Vinícios; Jazz Internacional, coordenado pelo Professor Candoca, também conhecido como o "Mago da Viola"; Jazz Vitoria, liderado por Raul Silva; e Jazz Marajoara, tendo à frente o maestro Oliveira da Paz.

Além desses grupos, as festas realizadas nos ambientes recreativos da cidade também eram animadas pelos Bois Bumbás e Cordões de Pássaros, os quais, mesmo se apresentando em alguns clubes recreativos de Belém, ganhavam mais espaço nas festas e concursos realizados nas praças e bosques da cidade.

OS FESTEJOS JUNINOS ATRAVÉS DOS CRONISTAS E MEMORIALISTAS DE BELÉM

As páginas dos jornais e revistas de Belém publicadas na segunda metade do século XX estavam recheadas de crônicas e poesias que tratavam das superstições, dos banhos de cheiro, dos tempos de "meninice" e juventude, das fogueiras, das festas de terreiros, dos balões coloridos que aos poucos iam chegando até o céu. Ou seja, falavam do tempo em que

---

do estado do Pará, é denominado de 'boi bumbá', uma expressão, provavelmente, alusiva ao termo africano *bumba*, 'instrumento de percussão, tambor, que pode derivar do quicongo *mbumba*, bater'" (DIAS JR, 2009, p. 87-88).

[10] Os grupos de pássaros juninos são uma espécie de manifestação, em forma de teatro popular, que acontece todos os anos, em pontos estratégicos da cidade, no mês de junho, durante a quadra junina. Segundo Marton Maués, são representados sempre por um animal, no nosso caso, um pássaro, a respeito do qual se desenrola o enredo que gira sobre sua caçada, morte e ressurreição. O grupo, que canta e dança, organiza-se em semicírculo, de onde saem os personagens, cada um a sua vez, para apresentarem suas cenas. Sobre este assunto, ver Maués (2009) e Moura (1997).

[11] Equipamentos sonoros que animavam as festas dançantes e que eram montados, de forma artesanal, por pessoas com conhecimento de eletrônica. Eram compostos por um amplificador de metal à válvula/toca disco de 78 rotações (a *pick-up*), caixa de som pequena e projetor sonoro, a chamada *boca-de-ferro*. Os sonoros ou picarpes estavam basicamente voltados para a sonorização de eventos festivos, bailes dançantes. Muitos proprietários de sonoros começaram suas carreiras animando festas de vizinhança, aniversários e casamentos. Os que tiveram sucesso passaram a cobrar para sonorizar eventos festivos em clubes de subúrbio, dos menos aos mais bem afamados (COSTA & GOMES, 2011).

[12] Os ritmos musicais nordestinos, como maxixes e baiões, fizeram parte da reinvenção do "perfil tradicional" das festas juninas dos anos 1950. Tocavam-se nas festas outros ritmos de procedência diversa, como rancheiras, quadrilhas, mazurcas e *schottiches* (o abrasileirado "xote"), boleros, além dos ritmos caribenhos (cúmbias, salsas, mambos, merengues etc.), muito presentes nas festas juninas da cidade. Em meados do século XX, a recepção local de emissoras de rádio de Cuba, das Guianas e de Nicarágua somava-se à divulgação deste repertório musical nos programas de rádios paraenses. Isso explica sua presença nas festas dos clubes suburbanos e aristocráticos (COSTA & GOMES, 2011).

"lindas roceiras com seus vestidos de chitas, desfilarão em torno da fogueira arriscando a 'sorte' num próximo enlance"[13], o mês de junho.

Os estudos que transitam entre a história, a memória e a literatura têm se intensificado desde pelo menos os últimos 30 anos. Segundo Virgínia Camilotti e Márcia Naxara (2009), a preocupação do historiador, ao lidar com textos literários como fontes históricas, gira em torno da colaboração que tais fontes podem ter diante das reflexões e possibilidades para a escrita da história.

Nesse sentido, a análise das crônicas presentes nos periódicos paraenses é de suma importância, uma vez que são textos que trazem em seus discursos avaliações das transformações ocorridas no âmbito social local, levando-se em consideração que "qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada" (PEREIRA & CHALHOUB, 1998, p. 7). Essas crônicas são, portanto, reflexos do seu tempo, representando a relação que o autor estabelece com a sociedade.

No presente tópico, será dado destaque a escritores que se preocuparam em escrever sobre conteúdos diversos, tratando desde assuntos femininos às questões políticas, segundo os quais as festas, fossem elas "joaninas"[14] ou não, tiveram também destaque entre os temas propostos.

De acordo com Leonardo Pereira (1997, p. 234), desde o final do século XIX, o jornalismo passa a ser "um poderoso e eficaz meio de comunicação de certa parcela da sociedade" e quase sempre era composto por jornalistas, políticos e literatos, que ao escreverem nas páginas dos periódicos, deveriam obedecer aos códigos particulares a eles impostos, por exemplo, apresentar "um texto leve e um texto acessível: era preciso ainda trazer, nas folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores", tendo em vista tratar de assuntos que eram de interesse dos consumidores e "fora do mundo das letras", como as festas da Penha, os jogos e o carnaval, convertidos em grandes temas jornalísticos e literários.

---

[13] Santo Antônio na roça. **O Liberal**, 13 jun. 1952.

[14] Maneira como era divulgado o ciclo festivo junino nos periódicos paraenses dos anos de 1950. Este termo pode estar relacionado com São João, considerado o santo mais popular da quadra festiva. Nesse período de festa, em Belém, são comemorados outros três santos católicos: Santo Antônio, São Pedro e São Marçal. Além da denominação de festa "joanina", esse ciclo festivo também era conhecido como "joanesco" e "joanense".

Em Belém, o mês de junho ganhava destaque nas crônicas e poesias presentes nos periódicos paraenses. Títulos como “Mês da Fogueira”, “Preces ao Santo”, “S. João em Belém”, “Santo Antônio de Chaves”, “Cadê meu São João?”, “Bilhete ao outro São João”, “Cai, cai, balão! Acende a fogueira em meu coração”, “Junho feliz”, entre outros, eram dados às crônicas e poesias publicadas nos jornais e revistas da capital paraense na década de 1950.

Escritores como Lindanor Celina, Bruno de Menezes e Eneida de Moraes tiveram papel fundamental na construção e narrativa da história paraense, principalmente no que concerne às questões que giravam em torno da cultura desse povo.

Eneida de Villas Boas Costa de Moraes (1903-1971), ou simplesmente Eneida, como gostava de ser chamada, foi, assim como muitos literatos paraenses, influenciada pelos discursos modernistas da geração de 1922. Essa intelectual tinha formação em odontologia, mas sua vocação era para as letras, com as quais se encantou desde “menininha”. Aos sete anos de idade ganhou seu primeiro prêmio, com o conto que narrava a história de um lenhador típico da região amazônica.

Ao final da segunda década do século XX, Eneida de Moraes, após uma longa temporada na cidade do Rio de Janeiro, retorna a Belém e depara-se com o processo de mudança significativa pelo qual a sociedade local passava, como “o aparecimento de associações literárias, revistas e jornais; o ressurgimento da Academia Paraense de Letras”, assim como o período de circulação de duas importantes revistas locais: *Guajarina* e *A Semana*[15]. Circulando por entre discursos políticos e literários e, nos anos 1930, entrando em contato com as obras de filosofia marxista, Eneida de Moraes encantou-se e entregou-se ao ideário comunista, muito presente nas suas obras, desde então.

No livro “Aruanda e Banho de Cheiro”, Eneida de Moraes (1997), já residente na cidade do Rio de Janeiro, por meio de sua memória, conta-nos sua relação com os santos católicos festejados ao longo do mês de junho, mostrando um distanciamento com Santo Antônio e São Pedro, mas uma imensa afetividade com São João, de quem era “velha e dedicada amiga”. Além disso, a autora destaca aspectos dos costumes tradicionais do povo paraense, ao descrever a prática dos banhos e supertições realizadas na virada do dia 23 para o dia 24 de junho:

---

[15] Sobre Eneida de Moraes, ver Santos (2005) e Castro *et al.* (1990).

> De Santo Antônio não sou íntima, tampouco de São Pedro. Remexendo lembranças, acendendo o passado, não os encontro impressos ou esboçados em nenhuma fase de minha vida. De Santo Antônio sempre ouvi falar maravilhas em matéria de amor: fez casamentos que pareciam irrealizáveis, uniu lares desfeitos, alimentou sonhos, esperanças, desejos, ambições sentimentais. (...) A Santo Antônio nunca solicitei favores; nunca sei pedir nada para mim mesma a ninguém, nem mesmo a meus melhores amigos. Consegui, nos momentos precisos, resolver sòzinha meus romances. Hoje dêle nada mais espero, desejo e quero. De São Pedro quase nada sei, a não ser que guarda as chaves do céu, lugar que com certeza jamais conhecerei. Mas com São João o caso muda inteiramente de figura; São João é personagem de minha infância, de São João sou velha e dedicada amiga. Aprendi a amá-lo muito cedo. Creio mesmo que êle deve ter sido um dos primeiros amôres de minha vida, e ora contarei por que São João e eu somos tão íntimos: em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama o banho de cheiro ou banho da felicidade. (...) Manhã cedo, no meu tempo de menina – perdoai se gosto tanto de ressuscitar meu passado – nas vésperas de São João, a cidade amanhecia festiva, com correria de homens carregando à cabeça tabuleiros cheios da ervas da felicidade (MORAES, 1997, p. 68-70).

Essa intelectual, ao escrever seu texto, expressa um forte saudosismo em relação às festas juninas de outrora. Maurício Costa e Elielton Gomes (2011, p. 202) dizem-nos que “na descrição de Eneida de Moraes descobre-se um tom de nostalgia, da escritora que compilou suas memórias nos anos 1940 longe de Belém (quando já morava no Rio de Janeiro) e rememorava o período junino de sua infância”.

Lindanor Celina Coelho de Miranda (1917-2003)[16], mais conhecida como Lindanor Celina, saiu de Buritizal, na cidade de Castanhal, estado do Pará, para ganhar o mundo. Essa escritora, ao escrever seus romances e crônicas, preocupava-se em relatar suas memórias desde os tempos de menina. Iniciada no jornalismo, no finalzinho da primeira metade do século XX especializou-se em crônicas literárias, publicando diversos trabalhos no Brasil e na Europa. Um dos principais periódicos para o qual Lindanor escreveu foi a *Revista Amazônia*, onde é possível encontrar diversos textos de sua autoria.

Nos jornais *A Província do Pará* e *Folha do Norte*, Lindanor Celina também foi contribuinte. Junto de outros escritores, como Nilo Franco, Augusto Meira Filho e Ápio Campos, ela escrevia nas páginas desses periódicos, apresentando, em seus textos, um forte estilo e voltando-se para os assuntos da vida cotidiana local.

A autora mostra-nos desde o título de sua crônica, “Cadê meu São João?”, o “desaparecimento” ou substituição da “tradição” pela então “ultra-civilização”, pela urbanização, ou seja, pela modernização da época. Lindanor constrói um discurso no qual se

[16]Sobre Lindanor Celinar, ver Stoenesco (1998), Penha (2008), Tupiassú *et al.* (2004), Silva (2012).

percebe que, mesmo com as críticas dos intelectuais tradicionalistas em favor da organização e comemoração de um festejo junino mais ruralizado ou familiar, ele vai perdendo força na cidade, passando, com isso, a se intensificarem as características do meio urbano, onde o que predomina é uma versão mais estilizada da modernização.

> – Que é feito do São João de nossa meninice? Ah! os velhos tempos! Não posso ver chegar esta época sem que em minha mente se faça logo uma curiosa associação de idéias. São João, para mim, estará para sempre ligado às reminiscências indestrutíveis de minha infância e adolescência, tempo feliz que a saudade tocou de lindas e indeléveis côres. São João para mim, pois, continuará a ser apesar do asfalto e tudo o mais que constitui a moderna civilização, a lembrança tocante do nosso casarão da rua do Fio, a imensa fogueira armada por meu Pai, o aluá magnífico feito por minha Mãe, os bolos de milho, as cangicas, o arrôs doce, os primos, afilhados e madrinhas. As adivinhações da clara do ôvo no copo dágua, os vintens (quem ainda conhece vitem?) que a gente jogava na fogueira crepitante, para manhãzinha, ao alvorecer, ir apanhá-los, catando-os por entre as cinzas ainda quentes, para dá-los ao primeiro pobre que passassem cujo nome seria, infalivelmente, o do nosso prometido. Ainda me lembro de um beberrão a quem perguntei, ansiosa, o nome e ele respondeu, entre tombos, a voz pastosa: "Colondino, menina". Esfriei. Sabe lá o que é casar com um homem chamado Colondino? E o banho de igarapé, à meia – noite, água geladíssima, os garrafões de cheiro, para dar sorte?... É difícil reconhecer nêsse São João de beira de piscina, ultra-civilizado, anômico, urbanizado, o velho São João. A gente de agora, numa vã tentativa de encontrar nêle o mesmo pitoresco, tenta embalde fazê-lo reviver. E saem os estapafúrdio "cunvitis" nos jornais, para um "São João em casa de nhã Fulana", mas o resultado nunca será o mesmo. É um São João sintético, isso mesmo, sintético. A nossa civilização afastou-se tanto da natureza e do provincianismo, que destôa, soa falso tudo isso, toda essa boa vontade em retroceder a um passado de nós tão distante. É inútil, somos civilizados, da geladeira, do gás butano, da televisão, não mais somos da roça. E por mais que queiramos uma quadra joanina parecida com a de outrora, cadê côr local, cadê ambiente? Nas grandes cidades, São João é apenas barulheiras, foguetório, quem sabe lá o que é um aluá? É São João de pick-up, de fogos perigosos, os "cabeça – de – negro" matando menino e até mesmo gente grande, tão diferentes dos antigos e inofensivos "busca-pés", que faziam correr, soltando gritinhos nervosos as sinhazinhas de antanho. E os balões? De primeiro, era mesmo uma beleza, cada qual caprichando mais no seu, para soltá-los dentro da noite estrelada. Agora, é proibido, é perigoso, causa danos, provoca incêndios. Mas deixe estar que era bem bonito a gente ver o bicho colorido ir subindo, subindo, tornando-se mais e mais pequenino, reduzido, à medida que subia, subia, tal qual os nossos sonhos, quanto mais altos, mais irrealizáveis (CELINA, 1955, s. n.).

O sentimento nostálgico, presente na crônica de Lindanor Celina era algo corriqueiro nos periódicos de Belém. Desde pelo menos os meados do século XX é possível encontrar relatos marcados por saudosismo relativo às então chamadas "festas joaninas de antigamente".

Esse processo de transformação da cultura é visto por José dos Santos como algo criativo. Para esse autor, a cultura sobrevive de acordo com as transformações advindas do decorrer dos tempos, pois esta tem, por sua própria condição, um aspecto dinâmico, estando preparada para se adaptar às mudanças sociais. Ele nos diz ainda que "nada do que é cultural

pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental" (SANTOS, 1987, p. 47). Portanto, pode-se concluir que, sendo o homem resultado do meio social em que vive, como nos diz Roque de Barros Laraia (2007, p. 46), de alguma forma passará a interagir positivamente com as transformações ocorridas em seu ambiente de sociabilidade, permitindo, mesmo que de início resista, as inovações e invenções.

Outro autor de destaque nas temáticas sobre os festejos populares paraenses era Bento Bruno de Menezes (1893-1963)[17]. Considerado um dos maiores folcloristas da região amazônica, Bruno de Menezes também foi um personagem de destaque no meio literário paraense. Boêmio, reunia-se nas noites com os poetas e cancioneiros. Era um "escritor por vocação, com alma de poeta". Foi fundador da revista literária *Belém Nova*, uma das revistas que circulavam em Belém responsável pela divulgação da poesia modernista brasileira. Bruno de Menezes também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), da Comissão Paraense do Folclore e presidente da Academia Paraense de Letras durante os anos de 1956 e 1957.

Em seu livro *Batuque*, que traz em seu corpo poemas com temáticas afro-brasileiras e foi muito bem recepcionado pelos literatos e intelectuais brasileiros, Bruno de Menezes apresenta-nos, ainda nos anos de 1930, um pouco de sua memória em relação às festas juninas:

> Junho! Mês joanino do Santo Antonio de Lisboa
> do João Batista precursos,
> do velho São Pedro chaveiro do céu.
>
> Tua alegria é feita de fogueiras crepitantes,
> de crespas rodinhas estreladas,
> de foguetinhos pipocantes,
> de bojudos balões multicores,
> de toda essa alegria luminosa e aparente.
>
> (...) São João das capelinhas, dos banhos felizes,
> recendendo a raízes raladas e trevos e priprioca,
> dos cheiros cheirosos que se grudam na pele da gente
> e vão passando pra dentro.
>
> São João dos terreiros suburbanos,
> commufuás nos currais enfeitados de palhas de açaí.
> São João do tempo do "Pé-de-bola", do maranhense Golemada,
> do meu padrinho Miguel Arcanjo.
>
> (...) Ah! São João dos meus quinze anos da Jaqueira,
> quando fui chefe de maloca e as mulatas me viciavam

[17]Sobre Bruno de Menezes, ver Castro *et al.* (1990, p. 229-301), Reis (2012), Figueiredo (2007), Fares (2012).

Por que não és mais o mesmo São João do passado?! (MENEZES, 2005, p. 44-45).

Percebe-se que, assim como Eneida de Moraes e Lindanor Celina, Bruno de Menezes mostra-nos no poema acima um sentimento nostálgico em relação aos festejos juninos do período de sua juventude. Como nos diz Marcos Valério Reis (2012, p. 120), no livro *Batuque*, "o poeta apresenta em alguns trechos, uma atmosfera rica de saudades e lembranças. É possível perceber a nostalgia do autor em recordações próprias, um sentimento de busca ao passado cheio de encantamento".

CONCLUSÃO

Considerando-se os cronistas como retratistas da vida cotidiana, mesmo diante de uma escrita literária, eles oferecem aos historiadores um vasto acervo de um passado, que foi presente a eles. Revelam-nos aspectos sociais de suas épocas, assim como materiais riquíssimos para o pesquisador que lida com a modernidade e o meio urbano.

Diante de uma vastidão de tipos de fontes históricas, está presente a literatura, vista, desde a segunda metade do século XX, como documento importante para a compreensão da sociedade do passado. De acordo com Luciano Capistrano (2012, p. 2), "essa construção histórica caminha de mãos dadas com a memória", além de ser responsável pela construção daquilo que ele chama de "cidade memória", fazendo viagens no tempo por meio dessas fontes.

Segundo Marcos Napolitano (2008, p. 8), a década de 1950 "gerou um conjunto de representação simbólico de Brasil e de povo brasileiro que até hoje atua em nossas consciências". Além disso, nesse período aconteceram mudanças significativas no âmbito da cultura popular nacional, onde "o velho Brasil rural, de comunidades camponesas e semi-rurais, passou a coexistir com um Brasil cada vez mais urbanizado e industrializado", cruzando elementos ditos tradicionais com aqueles que compõem o lazer das cidades.

Percebe-se, após a discussão proposta neste artigo, que a imprensa, durante os anos de 1950, teve um papel fundamental para as divulgações das festas juninas que aconteciam na cidade, feitas por meio de anúncios, crônicas e relatos memorialísticos presentes nesses periódicos. Verificou-se também que tais festejos eram matizados por representações voltadas a uma lógica "tradicional" e "moderna", sendo que em alguns momentos tais vertentes cruzavam-se, dando origem a uma festa hibridizada. Néstor Canclini (2008) nos direciona à

ideia de que a tendência à modernização não provoca o desaparecimento das culturas tradicionais, mas nos proporciona saber de que forma o dito tradicional transforma-se e como este interage com as forças da modernidade.

Essas festas serviam para construir e ao mesmo tempo solidificar os laços entre os indivíduos das camadas sociais de Belém, tornando-se uma manifestação da vida de cada sujeito, nas quais as pessoas celebravam suas próprias festas e, ao mesmo tempo, suas identidades culturais em uma só festividade, que poderia ser "tradicional" ou "moderna", satisfazendo as vontades dos brincantes. Com isso, percebe-se que as práticas culturais estão em constante movimento, expostas sempre a uma reinvenção festiva.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. A história social dos clubes. *Folha de São Paulo*. São Paulo, fev. 2002. Seção Mais Autores. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2402200203.htm>. Acesso em: 20 ago. 2013.

CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 50, , jan.-jun. 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CAPISTRANO, Luciano. Vozes do Passado: a construção histórica da cidade de Natal através de seus fotógrafos e cronistas. In: SEMINÁRIO NACIONAL. FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA: SOCIEDADE E CULTURA, 2., Campina Grande, 2012. *Anais*. Campina Grande: UFCG, 2012.

CASTRO, Acyr; ILDONE, José; MEIRA, Clóvis. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: Ed. CEJUP, 1990. v. 3.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11,n. 5, 1991.

CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 4, n. 45, jun. 2009.

CHIANCA, Luciana. Para onde vai a cidade? Festa junina em Natal/RN. *Vivência*, Natal, v. 13, jan.-jun. 1999.

COSTA, Antonio Maurício. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 32, n. 63, 2012.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. *Festa na cidade*: o circuito bregueiro de Belém do Pará. 2. ed.Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton. A "quadra joanina" na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: "tradição interiorana" e espaço urbano. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*. Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

DIAS, Sinara da Costa. **O** *Reinado de Momo na Belém da década de 1950*: os meios de comunicação de massa e a influência no carnaval. 2011. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

DIAS JR., José do Espírito Santo. *Cultura popular no Guamá*: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

FARES, Josebel Akel. Bruno de Menezes e o rufar dos tambores. *BOITATÁ*. Londrina, n. 13, p. 126-137, jan.-jul. 2012.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Arte, Literatura e Revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (org.). *Diálogos entre história, literatura & memória*. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2007. v. 1.

GONÇALVES, Renata de Sá.Sociabilidades urbanas: cronistas e ranchos carnavalescos no Rio de Janeiro. In: CALVACANTE, Maria Laura Viveiro de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (org.). *As festas e os dias*: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2009.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. *Projeto História*. São Paulo, n. 38, jun. 2009.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MAUÉS, Marton. Breve vôo sobre o universo imagético do pássaro junino paraense. *Revista Ensaio Geral*. Belém, v. 1, n. 1, p. 133-138, jan.-jun. 2009.

MENEZES, Bruno. *Batuque*. 7. ed. Belém: Ed. Sagrada Família, 2005.

MORAES, Eneida de. *Aruanda e Banho de Cheiro*. Belém: Secult/FCPTN, 1989.

MOURA, Carlos E. M. *O teatro que o povo cria*: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. Introdução. In: NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira*: utopia e massificação (1950-1980). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NÓBREGA, Zulmira. A festa do maior São João do mundo. In: RUBIM, Linda; MIRANDA, Nadja (org.). *Estudos da festa*. Salvador: EDUFBA, 2012.

PENHA, Maria de Oliveira. *A cartografia de Irene na trilogia de Lindanor Celina*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

PEREIRA, Leonardo. Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto. *Projeto História*. São Paulo, v. 14, p. 231-241, fev. 1997.

PEREIRA, Leonardo; CHALHOUB, Sidney. Apresentação. In: PEREIRA, Leonardo; CHALHOUB, Sidney (org.). *A História contada*: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

REIS, Marcos Valério Lima. *Entre poéticas e batuques:* trajetórias de Bruno de Menezes. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

RODRIGUES, Carmem Izabel. À Beira do Rio Guamá... Um bairro em movimento. In: BELTRÃO, Jane Felipe; VIEIRA, Antônio Otaviano (org.). *Conheça Belém, co-memore o Pará*. Belém: EDUFPA, 2008.

SANTOS, Eunice Ferreira dos Santos. Eneida de Moraes: militância e memória. *Em Tese*. Belo Horizonte, v. 9, p. 99-106, dez. 2005.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura.* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memória do "velho" intendente:* Antonio Lemos – 1869-1973. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. A memória da festa de São Benedito em Lindanor Celina. *Tucunduba*. Belém, n. 3.

SIQUEIRA, Uassyr. *Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro*: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas,Campinas, 2002.

STOENESCO, Dominique. Belém, Paris, Lisboa... Itinerário de uma autora paraense: Lindanor Celina. *Latitudes*, n. 2, fev. 1998.

TUPIASSÚ, Amarílis; PEREIRA, J. Carlos; BEDRAN, Madeleine. *Lindanor*, *a menina que veio de Itaiara*. Belém: SECULT/PA, 2004.